

## **MARXISMO NEGRO: AS MULHERES NEGRAS NA VANGUARDA DA LUTA REVOLUCIONÁRIA**

**MARXISMO NEGRO: MUJERES NEGRAS A LA VANGUARDIA DE LA LUCHA REVOLUCIONARIA**

**BLACK MARXISM: BLACK WOMEN AT THE FOREFRONT OF THE REVOLUTIONARY STRUGGLE**

### **SILVA, BRUNA GABRIELLA SANTIAGO**

Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em História pela Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS-UFS). Doutoranda no Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS-UFS)

E-mail: [leituraspretas@gmail.com](mailto:leituraspretas@gmail.com)

#### **RESUMO**

Este artigo buscou apresentar a tradição radical negra dos Estados Unidos e as contribuições das mulheres negras para o fortalecimento do debate de raça, classe e gênero no país. Investigamos as contribuições das teóricas e militantes negras na construção das lutas por igualdade de raça e gênero dentro dos processos de lutas, tanto para o movimento de Direitos Civis quanto para o Partido Comunista. Apresentamos um processo de organização que se deu em um período de intensa perseguição dos militantes marxistas e negros, por parte do Estado. Buscamos ainda refletir sobre o marxismo negro, bem como sua base teórica, que se ancora nas experiências negras desde a escravização, no entanto buscando apresentar como esses pensadores desenvolveram uma análise marxiana que unifica os debates de raça e classe. Trazemos ainda as contribuições das mulheres negras marxistas, e como tais solidificaram um pensamento centralizado na ideia de “tripla opressão” que depois seria desenvolvido pela teoria feminista. Para tecer esse quadro nos valemos da historiografia estadunidense centralizada no resgate da memória dessas revolucionárias, também utilizamos autobiografias e ensaios das duas intelectuais citadas, para elaborar um quadro de aproximações entre as produções no que diz respeito a participação das mulheres negras na construção epistemológica e política da tradição radical estadunidense entre as décadas de 1950-1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marxismo Negro; Feminismo Negro; Claudia Jones; Ângela Davis; Tradição Radical Negra.

#### **RESUMEN**

Este artículo buscó presentar la tradición radical negra en los Estados Unidos y las contribuciones de las mujeres negras al fortalecimiento del debate sobre raza, clase y género en el país. Investigamos los aportes de teóricos y militantes negros en la construcción de luchas por la igualdad de raza y género dentro de los procesos de lucha, tanto del movimiento por los Derechos Civiles como del Partido Comunista. Presentamos un proceso de organización que se dio en un período de intensa persecución de los militantes marxistas y negros por parte del Estado. También buscamos reflexionar sobre el marxismo negro, así como su base teórica, que está anclada en las experiencias negras desde la esclavitud, sin embargo, buscando presentar cómo estos pensadores desarrollaron un análisis marxista que unifica los debates de raza y clase. Traemos también los aportes de las mujeres negras marxistas, y como tales solidificaron un pensamiento centrado en la idea de la “triple opresión” que luego desarrollaría la teoría feminista. Para tejer este cuadro, utilizamos la historiografía estadounidense centrada en el rescate de la memoria de estas mujeres revolucionarias, también utilizamos autobiografías y ensayos de las dos intelectuales mencionadas, para elaborar un marco de aproximaciones entre las producciones en torno a la participación de los negros. las mujeres en la construcción epistemológica y política de la tradición radical americana entre las décadas de 1950-1980.

**PALABRAS CLAVES:** Marxismo Negro; Feminismo Negro; Claudia Jones; Ángela Davis; Tradição Radical Negra.

**ABSTRACT**

This article sought to present the black radical tradition in the United States and the contributions of black women to strengthen the debate on race, class and gender in the country. We investigated the contributions of black theorists and activists in the construction of struggles for racial and gender equality within the processes of struggles, both for the Civil Rights movement and for the Communist. We present an organization process that took place in a period of intense persecution of Marxist and black militants by the state. We also seek to reflect on the black Marxism, as well as its theoretical basis, which is anchored in black experiences since enslavement, however seeking to present how these thinkers developed an analysis that unifies the debates of race and class. We also bring the contributions of black women Marxists, and as such they solidified a thought centered on the idea of “triple oppression” that later it would be developed by feminist theory. To weave this picture we use the historiography centered on rescuing the memory of these revolutionaries, we also use autobiographies and essays of the two intellectuals mentioned to elaborate a framework of approximations between productions regarding the participation of black women in the epistemological construction and politics of the American radical tradition between the decades of 1950-1980.

**KEYWORDS:** Black Marxism; Black Feminism; Claudia Jones; Ângela Davis; Black Radical Tradition.



## ANTICOMUNISMO E RACISMO: DUAS FACES DA MESMA MOEDA

O país que se vangloria por supostamente ser em sua gênese democrático, exemplo a ser seguido pelo mundo inteiro, tem sua história marcada por fatos que expõe o inverso. Os Estados Unidos é hoje o país com a maior população carcerária do mundo, ultrapassando mais de 2 milhões de pessoas que foram privadas de liberdade pelos mais diferenciados fatores. De todo modo, o problema do uso de leis e aparelho de justiça para privar seus cidadãos de gozar dos direitos civis não é algo novo, em 1863 quando o então presidente Abraham Lincoln assinou a décima terceira emenda que acabou com a escravidão formal no país, o sistema de leis já utilizou suas brechas, de modo que os presos não tinham direitos de cidadãos e poderiam ser escravizados.

O preço da “brecha” dessa emenda é pago até hoje, principalmente pelos corpos racializados. O aparelho jurídico, os complexos industriais prisionais, as emendas constitucionais, foram em grande medida a carta do Estado para retirar do convívio da sociedade os corpos indesejáveis. O país da pretensa democracia, desenvolveu uma estrutura para perseguir suas minorias raciais e também, seus militantes políticos.

É entendendo o forte aparato repressivo dos Estados Unidos que refletimos nas formas que foram desenvolvidas para defesa do capital a perseguição aos sujeitos e sujeitas que se opuseram a ordem estabelecida. Nesse sentido o anticomunismo e o racismo se entrelaçam enquanto uma política de Estado para perseguir, matar, encarcerar e exilar a população negra e militantes políticos. A exemplo do macartismo<sup>i</sup> que se inicia na década de 1950 até o governo de Ronald Reagan no início da década de 1980, nessas décadas temos uma sofisticação na perseguição de militantes políticos e total desmonte de uma política de bem estar social. Por outro lado é nesse período que temos consideráveis mobilizações de massas no final dos anos 1950 e nos anos 1960 que buscava acabar “com a segregação no Sul ajudaram a romper a camisa de força do macartismo e do conservadorismo que dominava a política e dos Estados Unidos<sup>ii</sup>”.

Nesse cenário de opressão classista, racial e de gênero, temos tensões e a construção de movimentos de resistência contra o racismo antinegro, o anticomunismo e os avanços das políticas de austeridade fiscal que empobrecia e marginalizava ainda mais a população negra. Pensar de maneira dialética a relação do entrelaçamento dessas lutas é importante para compreendermos como a luta antirracista e anticapitalista se dá em conjunto no território estadunidense.

Frisamos que criar uma narrativa de oposição entre a luta antirracista e anticapitalista só é possível diante do apagamento histórico da participação ativa da população negra na tradição radical comunista e da atuação do Partido Comunista junto a população negra. Defender uma narrativa simplista de oposição entre as duas frentes, raça e classe, é ignorar o passado e contribuir para o enfraquecimento teórico e político<sup>iii</sup> das lutas contemporâneas, sendo limitadores das potencialidades de convergência e mobilização das lutas sociais. A luta de classes não pode ser expurgada de uma organização que pretende alterar problemas que estão na estrutura do capitalismo, da mesma forma que, o racismo e sexismo não podem ser vistos como fenômenos de menor importância na teoria marxiana. Essas limitações tornam-se impeditivos políticos a construção da luta em busca da emancipação e mudanças radicais de estruturas.

Angela Davis (2012) aponta que na década de 1960 o anticomunismo e racismo era algo que se dava em simbiose, ao ponto que durante o período de sua perseguição política ela recebeu diversas cartas que a ameaçavam de morte e mandavam ela retornar para África ou para Cuba<sup>iv</sup>. Assim, a teórica e militante marxista analisa que dentro do contexto histórico estadunidense os militantes negros já eram vistos como subversivos e comunistas, de modo que suas lutas precisaram atuar de forma intrínseca<sup>v</sup>. Desse modo, intelectuais negros se preocuparam de forma profunda com a relação da luta anticapitalista e antirracista, e buscaram refletir da centralidade da opressão racial e exploração de classe dentro do país.

## O PENSAMENTO RADICAL NEGRO: A NECESSIDADE DA COALIZÃO DE LUTAS

O racismo antinegro é um elemento fundante nas formas de relações sociais e reprodução do trabalho. Algo que a intelectualidade negra irá nos oferecer serão as lentes analíticas para investigação das tensões de raça, classe e gênero dentro dos nossos campos de lutas e a preocupação de se enxergar a partir de uma historicização da resistência negra as devidas contribuições para a organização da luta anticapitalista. Se há uma relevante influência de Karl Marx nos



principais intelectuais negros que visavam pensar essa tríade de opressão, é também verdade que todos possuíam como base de observação a história negra desde as narrativas de escravizados para propor uma luta revolucionária.

Pensar a relação da luta antirracista e anticapitalista se faz cada vez mais necessária, no entanto muito do que recebemos em nosso país, não passa pelo o que foi teorizado pelos próprios intelectuais negros no século passado<sup>vi</sup>. Aos poucos vemos que durante o século XX houve uma intensa produção por parte desses estudiosos que estavam atuantes dentro do partido comunista, nas lutas de base e nos trabalhos teóricos que buscavam explicar a superexploração da população negra.

O que se justifica por ser um período das grandes transformações sociais, como demonstra Almeida (2021) essas mudanças exigiram um reposicionamento teórico dentro do marxismo em torno das relações de raça e classe:

Com efeito, o debate racial no interior do pensamento marxista aprofundou-se à medida que os impactos das grandes transformações sociais do século XX exigiram um reposicionamento teórico. Temas como *constituição de subjetividade e ideologia, Estado capitalista e as crises e papel das minorias na luta de classes*, bem como os diálogos com a psicanálise, a fenomenologia, o estruturalismo e o pós-estruturalismo, ampliaram as possibilidades de uma análise marxista do racismo<sup>vii</sup>. (*grifo do autor*).

É nesse contexto de apropriação dos conceitos marxianos e do tratamento do racismo partindo de experiências históricas diversas, que se fortalece a elaboração teórica de vários pensadores e pensadoras que buscam a conexão entre racismo e capitalismo como ponto central de suas análises. Maurício Parisi (2021) analisa que esse período nos Estados Unidos é marcado pela organização em torno de uma consciência radical que vinha como uma tradição desde as *plantations* e que irá reagir diante das novas condições dadas pelas percepções da exploração e opressão sendo transmutadas em novas perspectivas de luta<sup>viii</sup>.

Em relação ao acúmulo de lutas que nos apresenta Parisi, quando se fala em uma tradição que vem sendo reelaborada desde as *plantations*, está sendo colocada que o processo de busca por emancipação foi uma premissa constante na vida da população negra<sup>ix</sup>. Assim, é posto que a luta revolucionária é vista como uma perspectiva de emancipação dentro das experiências negras em busca por liberdade.

Cedric J. Robinson (2019), afirma que a história negra é uma história de luta, ao analisar as experiências negras e os processos de resistência desde África, desse modo, afirma que ao importar de forma forçosa diversos povos, trouxeram também, seus aspectos culturais, ideológicos e suas formas de lutas. Um aspecto importante é como o autor transita entre as experiências negras que segundo ele embasaram a tradição radical do século XX. Para isso ele se debruça não apenas nas experiências estadunidenses, mas, volta o olhar para as experiências afrodiaspóricas do Atlântico Negro, tem assim, espaço em sua obra os processos de luta de países como Brasil, Haiti e as Índias Ocidentais (Antilhas, Caribe e Bahamas).

O grande mérito da obra é delinear as bases que solidificaram o pensamento radical negro do século XX, que para ele só foi possível a formação de uma *intelligentsia* negra devido a esse acúmulo na luta em busca por liberdade desde o processo de escravização. Entre os fatores ele apresenta que essa intelectualidade irá surgir para contestar um novo lugar para o negro:

No resulta sorprendente que la aparición de una intelectualidad revolucionaria negra en el siglo xx fuera para la mayoría de los observadores, más que el resultado de un largo proceso, un fenómeno único y específico de esa época. Varias razones fácilmente identificables contribuyeron a esa presunción: en primer lugar, como hemos visto, la historia de los pueblos negros se ha visto remodelada a fondo, de formas a la vez ingenuas y perversas. Muy en particular, el recuerdo de la rebeldía negra frente a la esclavitud y otras formas de opresión fue sistemáticamente distorsionado y reprimido en beneficio de historiografías racistas, eurocéntricas y favorables a las clases dominantes. El resultado total fue la deshumanización de los negros<sup>x</sup>.

Temos assim, um esforço intelectual para criação de um espaço negro militante dentro de uma instituição branca e conservadora, que tinha enquanto acúmulo a luta afrodiaspórica<sup>xi</sup> como uma necessidade primordial que permitiu a



construção teórica de um pensamento revolucionário que vinha de uma práxis de resistência. Entendemos então, a importância de nos debruçarmos sobre essa influência na constituição epistemológica antirracista e anticapitalista.

O tema não é novo nos ciclos de debates do marxismo negro, embora ainda não tenha sido explorado como deveria no Brasil<sup>xii</sup>. É do início do século os primeiros escritos dos intelectuais marxistas negros que visavam pensar um real projeto de emancipação social vencendo as barreiras da raça. Um dos intelectuais mais importantes que desenvolveram um pensamento marxista negro que criticava os limites do partido em relação às urgências negras, e crítica movimentos negros com tendências liberais foi o sociólogo e historiador W.E.B. Du Bois. Ainda em 1913, escreve “O socialismo e o problema do negro” pequeno ensaio onde questionava como a teoria socialista poderia propor adiar e deixar para depois a luta e problemas concretos de mais de 10 milhões de seres humanos e ainda se dizer uma luta igualitária?<sup>xiii</sup>. Aprofundando suas experiências intelectuais e sociais, ao viajar pela União Soviética, e muito influenciado por Karl Marx e Vladimir I. Lênin, Du Bois também questiona uma luta negra que seja nos moldes liberais; não há emancipação negra, enfatizou, longe da luta de classes o que será exposto definitivamente em seu texto “O marxismo e o problema do negro” (1933).

No seu pedido de adesão ao Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA), Du Bois afirma que “o capitalismo não pode se reformar; está condenado à autodestruição. Nenhum egoísmo universal pode trazer bem social para todos<sup>xiv</sup>”. É seguindo os rastros desse sociólogo que teremos bases fortes fincadas dentro do CPUSA, e junto a ele podemos constatar desde a fundação do partido questionamentos, tensões, debates epistemológicos, construções coletivas, críticas para o avanço do partido em torno das questões étnicas e como a população negra precisava ser vista enquanto decisiva na construção da luta pela emancipação total da sociedade.

Teóricos socialistas como C.L.R James aponta que a concepção sobre o papel do negro na luta revolucionária foi durante muito tempo obscurecida pelos preconceitos raciais destilados por dentro de diferentes camadas da classe trabalhadora pelo capitalismo estadunidense<sup>xv</sup>. Seria um compromisso político resgatar o protagonismo dos negros socialistas e suas devidas contribuições.

James (2019) apontava que os negros e suas demandas não poderiam ser vistas apenas como um apêndice do movimento revolucionário, ao contrário, eram os negros que primeiro lutariam contra os crimes do sistema capitalista devido ao seu próprio lugar dentro desse sistema. O autor afirma que por serem os mais explorados, mais oprimidos, os que mais sofrem discriminação, a população negra sofre com agudeza e mais inevitabilidade o fardo esmagador desse sistema e ocupariam a vanguarda da luta.

Assim problematizavam a ideia de uma classe trabalhadora homogênea que em muitos momentos se colocavam como um espaço livre de opressões para trabalhadores, por exemplo, não importando sua etnia, sexualidade ou qualquer outro aspecto que os distinguisse uns dos outros. Também, irão nos proporcionar um olhar aguçado e crítico a ideia de democracia americana e seus respectivos limites no que tange a população negra.

Podemos observar a ênfase nos aspectos da resistência negra enquanto elemento de elaboração teórica. “As condições materiais do país tão fortemente segregado que contribuiu para a construção de experiências próprias da população negra<sup>xvi</sup>”, assim, historicamente esse grupo social desenvolveu métodos de resistência e luta própria que influenciou diretamente o desenvolvimento de uma cultura radical nos Estados Unidos. Silva (2021) aponta que desde a época da Revolução Americana em 1776 até o surgimento dos primeiros partidos socialistas nos Estados Unidos há uma tradição radical que bebe na tradição negra de resistência construindo dentro do país movimentos interraciais organizados contra opressão de classe e raça.

Desse modo, como propõe James (2019), precisamos olhar com atenção nas articulações dos negros dentro do CPUSA, e como houveram ganhos concretos nessa coalisão de forças. Por exemplo, os processos de exploração da mão de obra dos trabalhadores pobres brancos e a segregação formal e informal da população negra justificadas pela ideologia da superioridade racial da branquitude, foi contestada a partir das organizações sociais desses grupos marginalizados, como demonstra Sean Purdy (2007):

Houve, entretanto, muitas contestações nos EUA. Nas últimas décadas do século XIX, surgiram movimentos sociais variados – feministas, planejadores urbanos, religiosos, sindicalistas, socialistas – criticando a falta de direitos políticos, a miséria nas cidades grandes e a concentração aguda de riqueza nas mãos dos industriais e grandes proprietários. Escritores e artistas passaram a enfatizar temas de crítica social e conflito em suas obras. Novos setores da população começaram a formular suas próprias noções de liberdade e do sonho americano<sup>xvii</sup>.



O final do século XIX e início do século XX era marcado pelo surgimento e organização de diversos movimentos sociais que passam a reivindicar seus direitos dentro da sociedade estadunidense. Era nesse cenário que temos a estreita relação entre a luta negra e comunista no EUA que se dá sob fortes tensões e diretamente influenciadas pelas políticas internacionais. Os historiadores Robin D. G. Kelley (1990) e Eric Foner (1998) apontam para centralidade da raça no início do século no debate público estadunidense, o que forçou o CPUSA a se comprometer com o racismo enquanto uma pauta incontornável.

Kelley (2002) afirma ainda que, por exemplo, no Sul a questão do negro permeava todos os aspectos das atividades comunistas. Se debruçando sobre a criação do PC no Alabama, ele nos apresenta como um partido criado por trabalhadores em sua diversidade étnica constituiu uma luta por direito ao voto, igualdade social, direito das mulheres – uma luta multirracial e por igualdade de gênero com sua construção partindo dos extratos marginalizados da sociedade. Na obra *Freedom Dreams* (2003) ele sintetiza que:

No topo da pirâmide de questões políticas está a sempre presente “Questão Negra”. Se há uma coisa que todas as facções da esquerda Americana do século XX compartilham, é a ideia política de que negros reside no olho do furacão da luta de classes. A esquerda Americana, afinal, nasceu em uma sociedade onde a escravidão e o trabalho livre coexistiam, e apenas a cor da pele e a herança determinavam quem vivia em cativeiro e quem não vivia. É por isso que a esquerda nascente nos Estados Unidos entendeu o problema colocado pelas divisões raciais como a Questão do Negro, pois esses descendentes africanos estavam no fulcro da identidade racial e da economia política da nação<sup>xviii</sup>.

Aponta que todos os grupos marxistas em território estadunidenses propuseram reflexões sobre a questão negra, e para ele, os melhores entenderam que as respostas surgiriam através da troca e não de uma ordem, ou resposta unilateral vinda de militantes brancos. Essa observação dialoga bastante como o avanço dos debates raciais na Internacional Comunista, até chegarmos a defesa da importância da autodeterminação da população negra por revolucionários como Vladimir Y. Lenin, Leon Trotsky e C. R. L. James. O historiador Bryan D. Palmer (2003) nos apresenta de maneira bastante clara a importância do Partido Comunista nos círculos trabalhistas e de esquerda, seus avanços e limitações na história da luta negra.

Neste mesmo sentido podemos dizer que setores mais avançados dentro da esquerda estadunidense, como o Partido Comunista dos Estados Unidos irá se comprometer fortemente com o antirracismo e a luta por libertação negra e ser um grande aglutinador de trabalhadores negros, tendo sua derrocada com as consequências do stalinismo. Em números quantitativos, podemos dizer que o CPUSA foi o grande responsável pelo crescimento do número de negros sindicalizados. Damasceno e Silva (2017) aponta que em 1935 temos a marca de 100 mil trabalhadores negros em sindicatos, e em 1939, esse número cresce para cerca de 500 mil<sup>xix</sup>. Ainda segundo os autores, em 1939 chegou-se a marca de 5.005 negros que ingressaram no partido. Importante frisar que neste ano o país era regido pelas Leis Jim Crow e o partido era uma das poucas organizações multirraciais nos Estados Unidos<sup>xx</sup>.

As relações entre os movimentos que partiam de uma vertente socialista e as organizações negras dialogaram em diversos momentos históricos, e, em muitos momentos como foi no caso do CPUSA durante um rico período, a inserção da população negra foi fundamental para a articulação dos processos de resistência. Esse olhar de forma retroativa na história se dá por entendermos que após a década de 1950 essas relações, apesar de enfraquecidas em termos de partidos com o avanço do estalinismo, se reafirmam na construção de uma consciência de esquerda com uma troca mútua de experiência entre a classe trabalhadora negra e brancos comprometidos com a luta antirracista.

Keeanga-Yamahtta Taylor (2020) apresenta a correlação da maior onda de greves nos EUA com a fase de maior militância do movimento negro. A autora aponta que diversos comitês organizados pela população negra como a Sociedade de Funcionários Negros dos Correios foram fortes agitadores grevistas. Ela ainda afirma que os diversos piquetes de greve só foi bem sucedido devido a solidariedade racial com a presença de trabalhadores brancos<sup>xxi</sup>.

Assim, entramos numa década de 1960 que irá ser marcada pela luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. Denúncia sistêmica contra o racismo e a falácia da democracia americana e busca pelo fim da segregação, esse processo resultará em distintas formas de opressões, inclusive o investimento na ideia de daltonismo racial<sup>xxii</sup>. A busca pelo enfraquecimento dessas lutas conjuntas é parte de um jogo de interesses que visava desagregar o potencial de lutas, o



que se faz necessário buscarmos na historiografia a relação entre a luta histórica pela libertação negra e sua relação com o socialismo, e como os teóricos marxistas brancos e negros refletiram sobre o assunto e como esses movimentos interracialistas, ainda no período da segregação, puderam desenvolver ferramentas de luta.

## AS MULHERES NEGRAS NA VANGUARDA DA LUTA

Se vimos até aqui que a correlação da atuação em torno das demandas anticapitalistas e antirracistas, fica-se obscurecido o papel do sexismo na própria historiografia dos movimentos sociais nos Estados Unidos. As mulheres negras sofrem com um apagamento sistemático na construção da história dos revolucionários, a presença destas tanto no partido comunista e posteriormente no movimento *black power*, é secundarizada pela historiografia. Como aponta a historiadora Ashley D. Farmer:

Embora esta nova erudição indique que as mulheres negras eram uma parte indispensável do movimento, tais ativistas ainda permanecem muitas vezes escondidas no imaginário popular como uma personalidade revolucionária singular ou como figuras marginais dentro de organizações e coletivos<sup>xxiii</sup>.

A ideia de personalizar em uma única figura feminina alguma referência marxista negra acaba passando uma ideia pública de que aquela era apenas uma exceção, uma personalidade singular. Poucos estudos no Brasil buscaram pensar a atuação das revolucionárias negras enquanto coletivos que eram organizados e atuantes dentro da sociedade estadunidense. Claudia Jones em 1949, sinaliza para o fato de que haviam nos Estados Unidos mais de 2 milhões e 500 mil mulheres negras organizadas em coletivos, partidos, associações, irmandades. A mulher negra em Jones (2017) aparece como uma grande organizadora e trabalhadora dentro dos movimentos sociais, apresentando que o devido a sua superexploração e cuidados da família, elas assumem um papel ativo na vida econômica, social e também política:

Aproximadamente 2 milhões e 500 mil mulheres estão organizadas em clubes e organizações sociais políticas ou irmandades. As organizações mais proeminentes são: National Association of Negro Women [Associação de mulheres negras], National Council of Negro Women [Conselho Nacional de Mulheres Negras]; National Federation of Women's Clubs [Federação Nacional de Clubes de Mulheres]; Women's Division of Elks' Civil Liberties Committee [Divisão Feminina do Comitê de Liberdades Cívicas da Fraternidade Elks]; National Association of Colored Beauticians [Associação Nacional de Esteticistas Negras]; National Negro Business Women's League [Liga Nacional de Comerciantes Negras]; e National Association of Colored Graduate Nurses [Associação Nacional de Enfermeiras Negras]. Dessas organizações, a Associação Nacional de Mulheres Negras, com 75 mil integrantes, é a maior associação com filiação. Existem numerosas irmandades, comitês de mulheres religiosas de várias denominações, assim como organização de mulheres de origem caribenha. Em algumas regiões, filiais da N.A.A.C.P. [Associação Nacional para o Avanço de Pessoas Negras] têm seções de mulheres, e, recentemente, a National Urban League [Liga Urbana Nacional] estabeleceu uma seção feminina pela primeira vez na história<sup>xxiv</sup>.

Jones busca demonstrar como a presença das mulheres negras é significativa, e como elas atuavam de forma multifacetada dentro da sociedade estadunidense, aponta ainda que essas mulheres ocupavam significativos cargos de lideranças em suas associações, igrejas e famílias, e tece uma crítica ao Partido Comunista, ao tratamento paternalista, e o que ela chama de chauvinismo branco dentro do campo progressista, que trata essas mulheres como incapazes, ou apenas um apêndice do movimento<sup>xxv</sup>. Ela defende que há uma especificidade em ser mulher, negra e trabalhadora, de modo, que o partido não pode negligenciar o que essas mulheres vêm produzindo e observar suas atuações dentro dos movimentos sociais.

Se por um lado há uma forte crítica por parte de Jones ao partido que ela era militante desde a juventude<sup>xxvi</sup>, infelizmente, o movimento por libertação negra seguiu a mesma cartilha de tratar a produção teórica das mulheres





negras como um pano de fundo, afirmamos isso partindo dos poucos lugares de atenção que essas mulheres recebem na própria história do marxismo e do movimento por libertação negra.

Se esses pensadores negros, alguns já citados, trouxeram importantes contribuições para pensar a população negra na vanguarda da luta revolucionária, em outro ponto ao ver a população negra como um grupo sem gênero acabou contribuindo para o apagamento da atuação das mulheres. Como nos diz Elisabeth Sousa (2021), “a classe operária tem dois sexos”, e se tratando da mulher negra pontuamos que além do sexo, o fator racial vai ser importante na sua posição dentro da exploração do trabalho, sendo preciso analisar dentro das perspectivas de raça, classe e gênero, para nos proporcionar uma análise particular da categoria.

Algo que identificamos nos estudos sobre a presença negra na luta revolucionária, na elaboração teórica e atuação política é a ausência do papel das mulheres negras na luta<sup>xxvii</sup>. É necessário recorrer as próprias intelectuais negras para termos acesso aos estudos que apresentam essa leitura interseccional, são elas que irão teorizar sobre sua especificidade dentro da sociedade estadunidense, por esse fato, retomar tanto a atuação política quanto os escritos destas contribuí para um novo olhar na historiografia sobre suas trajetórias.

A premissa sobre vanguardismo da população negra na luta revolucionária defendida por C.L.R James já era defendida por mulheres negras presentes no partido, incluindo Grace Campbell<sup>xxviii</sup>, Maude White<sup>xxix</sup> e Williana Jones<sup>xxx</sup> que reclamavam do processo centralizador da luta ser direcionado para pensar o trabalhador branco, que embora não objetivassem um recorte racial a ideia de classe trabalhadora homogênea contribuía para a centralidade desse sujeito, marginalizando os debates em torno das pautas das mulheres e da população negra, elas tensionaram o reconhecimento dessa presença negra e a urgência de se pensar estratégias de atuação do Partido.

Eric McDuffe (2012) argumenta que na velha esquerda surge um “feminismo de esquerda negra”, examinando como as mulheres dentro do Partido Comunista foram responsáveis pelo surgimento da ideia de “tripla opressão”<sup>xxxi</sup>. Foi Louise Thompson<sup>xxxii</sup> que na década de 1930 articula o termo tripla exploração unindo as dimensões de raça, classe e gênero apontando para a necessidade um olhar específico em torno da mulher negra nos EUA.

No entanto é com Claudia Jones em 1949 que a ideia terá penetração mais forte dentro do partido comunista com a publicação do ensaio “*An End to the Neglect of the Problems of the Negro Woman*”. Fundamentada na tradição marxista, ela desafiou e integrou o nacionalismo negro ao feminismo, focalizando raça e classe como distintivos na opressão experienciadas por mulheres negras. Jones foi fundamental na articulação e definição de um programa para a libertação das mulheres dentro do Partido Comunista. Para ela o marxismo havia falhado na articulação de raça, classe e gênero, de modo que “enquanto o protesto radical negro se desenvolveu nas periferias do pensamento ocidental, as expressões feministas das mulheres negras foram ainda mais marginalizadas”<sup>xxxiii</sup>. É desse lugar de marginalidade que essas pensadoras negras e marxistas se empenham para tirar suas elaborações teóricas desse lugar a margem, e trazerem para o centro da formação marxiana o país.

Na biografia *Left of Karl Marx* (2007), Carole B. Davies ao analisar o pensamento de Jones argumenta que ela incluiu em sua percepção “uma coalizão anti-imperialista, administrada pela liderança da classe trabalhadora, alimentada pelo envolvimento das mulheres”. Neste sentido afirmando que embora as mulheres se beneficiassem da revolução socialista, o racismo e sexismo (sistemas coloniais) mereciam devida atenção na construção teórica, forçando o partido a reconhecer o paradigma da tripla opressão.

Jones irá pensar a centralidade do capitalismo no que ela chamou de tripla opressão, também, buscará enfatizar a relação do capitalismo com o fascismo e o seu desenvolvimento nos EUA, apontando que “nada expõe tanto a pulsão fascista na nação (americana), que a atitude indiferente que a burguesia demonstra e cultiva em relação às mulheres negras”. Por fim, seus escritos contribuem para compreender o que Du Bois (2021) chamou de democracia da abolição, que em linhas gerais é a denúncia que o país vive assim, uma falsa democracia que não abrangue a população negra. Na produção de Jones é possível identificar os fatores dessa abolição incompleta e qual o caminho que precisa ser trilhado para obtermos a emancipação humana.

Mais contemporaneamente, podemos ver a contribuição dessas mulheres, especialmente da Jones, para a produção de Angela Davis. Carole Davies (2007) aponta para uma forte identificação na produção das duas pensadoras, mas destaca, com razão, o fato da pouca presença de Claudia Jones nas citações de Angela Davis em suas primeiras publicações. Davies, pressupõe que Angela Davis, naquele momento ainda não tivesse tido acesso a abundância dos escritos de Jones, que sofreu um apagamento severo da historiografia comunista.

No entanto, olhando em retrospecto a produção dessas teóricas, cruzá-las é uma rica fonte para compreensão do pensamento radical negro, as aproximações se dão tanto no desenvolvimento das reflexões sobre a luta anticapitalista





e antirracista, também como essas produções identificam o legado da escravização nos Estados Unidos, ou, como denomina diversos intelectuais estadunidenses, o neo-racismo<sup>xxxiv</sup>. Trazendo em suas produções o legado da escravização, a concatenação de raça, classe e gênero, bem como, a construção de um pensamento abolicionista.

As duas pensadoras elaboram um pensamento abolicionista moderno que visa a emancipação humana. Se por um lado suas produções servem para denunciar o sistema de exploração que vivemos, por outro, apresentam possibilidades radicais de luta, assim, que os seus escritos representam neo-narrativas de escravos. “Eles são escritos como uma provocação: para desafiar uma pedagogia supremacista e triunfalista da história americana, que simplesmente ensina que a escravidão é relegada ao passado<sup>xxxv</sup>”.

Estabelecer o caminho da tradição radical negra e o papel das mulheres negras na construção do pensamento socialista antirracista visa contribuir para um olhar interseccional das lutas sociais em prol da luta revolucionária. Vemos nessas intelectuais o alinhamento de pensamentos e métodos que podem enriquecer o debate marxiano. Como Silvio Almeida (2021) afirma, que se por um lado o marxismo permite uma compreensão científica da questão racial, também é possível afirmar que “a análise do fenômeno racial abre as portas para que o marxismo cumpra sua vocação de tornar inteligíveis as relações sociais históricas em suas determinações mais concretas<sup>xxxvi</sup>”. Desse modo, o diálogo a partir das pensadoras marxistas negras nos parece bastante frutífero.

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES FINAIS

Nesse breve texto apresentamos alguns temas que fazem parte de uma pesquisa ainda em andamento, esses primeiros passos em torno de temas como tradição radical, pensamento marxista negro, a trajetória das mulheres revolucionárias, são ainda inquietações iniciais que apresentamos aqui. O tema está longe de ser esgotado e nessas páginas buscamos introduzir algumas questões que estão na ordem do dia no campo da pesquisa marxiana no país.

Por fim, apresentar um pouco o pensamento e trajetória dessas mulheres, se faz ao nosso ver necessário, por percebermos que quando falamos sobre o poder negro e também sobre os comunistas, as imagens que temos atreladas ainda são bastantes masculinas. Nomes de lideranças, fotografias e até nossas referências teóricas. Rhonda Y. Williams (2008) aponta que há um cenário de mudança na historiografia que se empenha a resgatar e destacar a participação dessas mulheres centralizando suas relações com o ativismo e as propostas radicais das mesmas à política do Black Power. É dentro dessa perspectiva que se desenvolver nossas análises, dedicada para o reconhecimento da trajetória das mulheres negras dentro do movimento negro e dentro do partido comunista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Belo horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio; (org.). **Marxismo e a questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021.

AQUINO, EMILIANO. **As origens da Tradição Radical nos Estados Unidos**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKLoaMFeR9g>

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, nação, classe: as identidades ambíguas**. São Paulo, Boitempo, 2021.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem Racistas: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade da América**. São Paulo: Perspectiva: 2020

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela. **The meaning of freedom**. San Francisco: City Lights Bookstore, 2012.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.



- DAVIES, Carole B. **Left of Karl Marx: THE POLITICAL LIFE OF BLACK COMMUNIST CLAUDIA JONES**. Duke University Press Durham and London 2007.
- DUBOIS, W.E.B. **O socialismo e o problema do negro**. *Crítica Marxista*, n.53, p. 97, 2021.
- DUBOIS, W.E.B. **O marxismo e o problema do negro**. *Crítica Marxista*, n.53, p. 130, 2021.
- DEVULSKY, Alessandra. **Estado, racismo e materialismo**. In. *Marxismo e questão racial*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- Farmer, Ashley D. **Remaking black power: how black women transformed an era**. Chapel Hill : University of North Carolina Press, 2017.
- FIELDS, Barbara. **Slavery, Race and Ideology in the Estados Unidos**, *New Left Review*, 1/181, maio-junho de 1990.
- JAMES, C.L.R. **O lugar do negro é na vanguarda**. In. *A revolução e o negro*. (orgs) Marcello Pablito, Daniel Angyalossy Alfonso. Ananindeua, PA: Itacaúnas, 2019.
- JONES, Claudia. **Um fim à negligência em relação aos problemas da mulher negra**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(3): 530, setembro-dezembro/2017.
- LYNN, Denise. **Socialist Feminism and Triple Oppression: Claudia Jones and African American Women in American Communism**. *Journal for the Study of Radicalism*, Vol. 8, No. 2 (Fall 2014), pp. 1-20 Published by: Michigan State University Press.
- Mechthild, Nagel. **ANGELA Y DAVIS AND ASSATA SHAKUR AS WOMEN OUTLAWS: RESISTING U.S. STATE VIOLENCE**. State University of New York, Cortland, 2015.
- MCDUFFIE, E. **Sojourning for freedom: Black women, American communism, and the making of black left feminism**. Durham, NC: Duke University Press, 2012
- PEREIRA, Allan K. **Escritas insubmissas: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman**. *Hist. Historiogr.*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481-508, maio-ago. 2021.
- PURDY, Sean. **O século Americano**. In. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI – Leandro Karnal ... [et al.]*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAGO, Margareth. **Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa**. In. *O que pode a biografia*. Org. AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- ROBINSON, Cedric J. **Marxismo negro**. *La formación de la tradición radical negra*. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2019. p. 313.
- SANTIAGO, Bruna. **O pensamento de Angela Davis: perspectivas de liberdade e resistência**. Belo Horizonte: Letramento, 2021.
- SHAWKI, Ahmed. **Libertação negra e socialismo**. São Paulo: Sundermann, 2017.
- SILVA, Felipe Vale da. **De Douglas a Dubois: A intelectualidade negra do abolicionismo ao socialismo**, 2021. Palestra no youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4QKdZXwAd3c&t=1233s>.
- TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. **#VidasNegrasImportam e libertação negra**. São Paulo: Elefante: 2020.
- WILLIAMS, Rhonda Y. **Black Woman and Black Power**. *OAH Magazine of History*, Organization of American Historians, July 2008. Downloaded from [<em>OAH Magazine of History</em> | OAH](#)

## NOTAS

<sup>i</sup> O termo faz referência ao senador Joseph Raymond McCarthy que aprovou uma série de leis e construção de comitês para perseguição de todos aqueles que praticassem atividades “antiamericanas”. Na prática foi uma verdadeira caça às bruxas aos comunistas do país, um período intenso de repressão política contra todos que era considerados subversivos e que durou de 1950-1957. Como aponta Ellen Schrecker (2004) durante os primeiros anos da Guerra Fria o macarthismo varreu a sociedade do país, sendo a repressão política mais longa e difundida da história estadunidense, nesse cenário dezenas de homens e mulheres foram para a



prisão, milhares perderam seus empregos e foram perseguidas. A historiadora destaca ainda a relevância de se pensar o período para nos lembrar que não podemos tomar nossas liberdades básicas como garantidas. SCHRECKER, Ellen. **American Inquisition: The Era of McCarthyism**. Yeshiva University, Recorded Books, 2004. P. 5.

<sup>ii</sup> SHAWKI, Ahmed. **Libertação negra e socialismo**. São Paulo: Sundermann, 2017.

<sup>iii</sup> DEVULSKY, Alessandra. Estado, racismo e materialismo. In. **Marxismo e questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 21

<sup>iv</sup> Um ponto interessante levantado por Angela Davis é sua afirmação que até o momento nunca havia ido nem a Cuba, nem a África, mas, seu lugar de mulher negra socialista a colocava enquanto uma estrangeira em sua própria terra que precisa ser exilada

<sup>v</sup> DAVIS, Angela. **The meaning of freedom**. San Francisco: City Lights Bookstore, 2012.

<sup>vi</sup> Grande parte de obras já consideradas clássicas para compreender o marxismo negro ainda não tiveram tradução no país, como é o caso do livro “Black Marxism” de Cedric Robinson; os escritos de DuBois que passam a chegar recentemente em 2021. E as produções de C.L.R James em relação ao trotskismo e a questão racial que nos chegou em obra recente “O negro e Revolução”.

<sup>vii</sup> ALMEIDA, Silvio; (org.). **Marxismo e a questão racial**. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 4.

<sup>viii</sup> **As origens da Tradição Radical nos Estados Unidos**. Emiliano Aquino, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKLoaMFeR9g>.

<sup>ix</sup> DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>x</sup> ROBINSON, Cedric J. **Marxismo negro**. La formación de la tradición radical negra. Madrid: Editorial Traficantes de Sueños, 2019. p. 313.

<sup>xi</sup> PEREIRA, Allan K. **Escritas insubmissas**: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. Hist. Historiogr., Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481-508, maio-ago. 2021

<sup>xii</sup> Em grande medida esse atraso se dá devido a ausência de tradução das obras de marxistas negros no país.

<sup>xiii</sup> DUBOIS, W.E.B. O socialismo e o problema do negro. **Crítica Marxista**, n.53, p. 97, 2021.

<sup>xiv</sup> DUBOIS, W.E.B. O marxismo e o problema do negro. **Crítica Marxista**, n.53, p. 130, 2021.

<sup>xv</sup> JAMES, C.L.R. O lugar do negro é na vanguarda. In. **A revolução e o negro**. (orgs) Marcello Pablito, Daniel Angyalossy Alfonso. Ananindeua, PA: Itacaúnas, 2019. P. 38.

<sup>xvi</sup> SILVA, Felipe Vale da. **De Douglas a Dubois**: A intelectualidade negra do abolicionismo ao socialismo, 2021. Palestra no youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4QKdZXwAd3c&t=1233s>.

<sup>xvii</sup> PURDY, Sean. O século Americano. In. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI – Leandro Karnal ... [et al.]. São Paulo: Contexto, 2007. P. 176.

<sup>xviii</sup> No original: “Toward the top of the pyramid of political issues has been the ever-present “Negro Question.” If there is one thing all the factions of the twentieth-century American Left share, it is the political idea that black people reside in the eye of the hurricane of class struggle. The American Left, after all, was born in a society where slavery and free labor coexisted, and only skin color and heritage determined who lived in bondage and who did not. This is why the nascent Left in the United States understood the problem posed by racial divisions as the Negro Question, for these African descendants stood at the fulcrum of the nation’s racial identity and political economy”. Kelley, Robin D. G. **Freedom dreams**: the Black radical imagination. Beacon Press: Boston, Massachusetts, 2003. P. 38.

<sup>xix</sup> SHAWKI, Ahmed. **Libertação negra e socialismo**. São Paulo: Sundermann, 2017. P. 12.

<sup>xx</sup> Ibidem.

<sup>xxi</sup> TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. **#VidasNegrasImportam e libertação negra**. São Paulo: Elefante: 2020. P. 129.

<sup>xxii</sup> Taylor (2020) explica que com a crescente consciência de esquerda ao longo dos anos de 1960 é adotado pelo governo estadunidense o daltonismo racial e palavras raciais codificadas como uma forma de sublimar o racismo e apontar para a sua inexistência. Ela aponta o governo de Richard Nixon (1969-1974) como um marco na adoção da ideia de uma racialidade invisível.

<sup>xxiii</sup> No original: “Although this new scholarship indicates that black women were an indispensable part of the movement, such activists still often remain ensconced in the popular imagination as a singular revolutionary persona or as marginal figures within organizations and collectives”. Farmer, Ashley D. **Remaking black power**: how black women transformed an era. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017. P. 26.

<sup>xxiv</sup> JONES, Claudia. **Um fim à negligência em relação aos problemas da mulher negra**. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(3): 530, setembro-dezembro/2017. p. 1008.



---

<sup>xxv</sup> Ibidem.

<sup>xxvi</sup> Jones ingressa no Partido Comunista dos Estados Unidos em 1936, inicialmente passou a atuar na Liga Comunista da Juventude (Communist Youth League).

<sup>xxvii</sup> Por exemplo, C.L.R James não faz menção direta as mulheres negras revolucionárias. Cedric J. Robinson no seu estimado *Black Marxism* centraliza em figuras masculinas e ao falar de intelectualidade negra opta por falar de Du Bois, C.L.R James e Richard Wrigh, citando de maneira rápida as contribuições teóricas de mulheres, é importante frisar que o livro foi escrito na década de 1980 e já havia consolidada a influência de diversas mulheres dentro do partido comunista e da tradição negra, como, por exemplo a Claudia Jones.

<sup>xxviii</sup> Grace P. Campbell foi a primeira mulher negra a fazer parte do Partido Socialista e do Partido Comunista da América. Sendo a primeira afro-americana a se candidatar a um cargo público em Nova York.

<sup>xxix</sup> Maude White, foi a primeira mulher afro-americana a matricular-se na Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente (KUTV). Passou três anos na União Soviética estudando e retornou para umas EUA como uma grande liderança na luta pelos direitos das trabalhadoras negras da indústria e no espaço doméstico.

<sup>xxx</sup> Williana Burroughs foi uma professora, ativista e militante do partido comunista. Se filiou ao partido comunista em 1926, e em 1928 já foi enviada como representante do Congresso Americano do Trabalho Negro para Moscou para participar do sexto seminário internacional da Internacional Comunista.

<sup>xxxi</sup> MCDUFFIE, E. **Sojourning for freedom: Black women, American communism, and the making of black left feminism.** Durham, NC: Duke University Press, 2012.

<sup>xxxii</sup> Louise Thompson Patterson foi uma ativista negra e professora. Um importante nome do movimento Harlem Renaissance. Sua trajetória política é marcada pela luta contra o racismo antinegro e o anticomunismo. Durante o macartismo autuou contra a opressão do Estado, ao lado do seu companheiro e um dos líderes do partido comunista, William L. Patterson. Muito inspirada na ideia de DuBois seguiu na luta revolucionária. Lembramos ainda que Louise foi uma das primeiras mulheres negras a se matricular na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

<sup>xxxiii</sup> Ibidem.

<sup>xxxiv</sup> BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem Racistas: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade da América.** São Paulo: Perspectiva: 2020.

<sup>xxxv</sup> Ibidem, p.47.

<sup>xxxvi</sup> ALMEIDA, Silvio; (org.). **Marxismo e a questão racial.** São Paulo: Boitempo, 2021, p. 9.

